

# **CAPITALISMO E DESPORTO**

## **Profissionalização, para quê?**

**Máuri de Carvalho\***

### **RESUMO**

Este trabalho, a meu juízo, representa uma contribuição teórica à compreensão da relação indissociável entre a base econômica e as instâncias ideológicas (mormente, o desporto) de uma determinada sociedade. Por outro lado, considero este labor despretensiosa formulação à polêmica do capitalismo e da globalização *versus* suas implicações ao desenvolvimento social e econômico da América Latina, no tocante a classe operária, trabalhadores assalariados e, especificamente, servidores públicos colocados, em seu conjunto, como o velho "bode expiatório" da inconseqüência e do servilismo dos mandatários deste país aos interesses do imperialismo.

### **ABSTRACT**

As I see it, this work represents a theoretical contribution to the comprehension of the closely linked relationship between the economical basis and the ideological instances of a given society. On the other hand, I consider that this work in unpretentious in that what concerns the polemic of capitalism and globalization versus its implications in the social and economical development of Latin America as far as the labor class, employees employed for wages, and specifically civil servants, as a group, are treated as the "scape goat" of the inconsequent acts of this country's mandataries in their willingness to please the interests of imperialism.

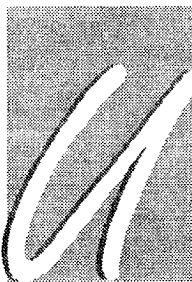
---

\* Professor Assistente do Departamento de Desportos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

## Exórdios

*Mede sete vezes  
antes de cortar.*

- V. I. Lenin -



ma questão que continua em aberto, embora eivada de tergiversações, prende-se a relação da educação física, dos desportos, da *profissionalização* com as políticas adotadas pelo governo federal nestes últimos anos. Para tal propósito, mantendo os ensinamentos do *Oráculo* procurarei refutar os *críticos* que, ignorando as seqüelas produzidas pela economia política aos seguimentos assalariados da sociedade brasileira, tecem tautologias sobre novas perspectivas pedagógicas ou novos rumos para a educação física/ desportos.

Cumprе salientar que esses críticos, por demais conhecidos sendo dispensada a sua apresentação, sem o menor constrangimento incorporaram, com total ausência de rigor acadêmico, uma série de substantivos, como neoliberalismo, globalização etc., sem nenhuma substância. A rigor, seduzida pelo canto mavioso das oceânides do capitalismo, a maioria absoluta dos intelectuais, com raríssimas exceções, tem uma enorme dificuldade em reconhecer o neoliberalismo como uma ideologia com forte apoio da pequena-burguesia e da aristocracia operária.

Todavia, o erro crasso cometido nas análises críticas ao capitalismo radica na ausência de compreensão do seu desenvolvimento histórico, do seu inelutável conteúdo de classe e *doconsilium fraudis* (pacto social), historicamente construído entre a burguesia, a pequena-burguesia e a aristocracia operária sem o qual a ideologia neoliberal se esfumaria no ar. Por outro lado, se ficarmos apenas no neoliberalismo, tal como se nos apresenta hoje, perderemos de vista as perspectivas necessárias à sua superação neste Continente.

Na superação desse erro cometido, preferencialmente pelos intelectuais pequeno-burgueses e social-democratas, é preciso compreender que o neoliberalismo na prática assume a forma de uma ditadura ou uma espécie modernosa, *mutatis mutandis*, de bonapartismo ou cesarismo. Vale dizer, é uma ditadura aberta, não camuflada, dos elementos mais reacionários e mais entreguistas da burguesia, da pequena-burguesia, da aristocracia operária e dos seus ideólogos.

Por outro lado, a ausência dessa compreensão fez e faz com que a maior parte, por exemplo, dos intelectuais de esquerda não compreenda de forma elementar que todo Estado é uma ditadura. Logo, é claro que não se pode contrapor a democracia burguesa à ditadura. Toda democracia é, necessariamente, uma ditadura, seja ela do executivo ou das forças armadas, sobre o proletariado.

Nesta perspectiva não é possível saber o que é o neoliberalismo e a globalização, suas estratégias e suas táticas, se não sabemos bem o que é o imperialismo, sua estratégia e suas táticas.

cas. Posto, a leitura atenta da obra de Lenin possibilita uma clara compreensão das características do imperialismo, sem as quais todo esforço em compreender o moderno/deformado<sup>1</sup> liberalismo se esvai. O imperialismo, então, caracteriza-se por:

- 1°. *Concentrar a produção e o capital, formar monopólios com uma função decisiva na vida econômica dos países do capitalismo central;*
- 2°. *Fusão do capital bancário com o capital industrial e formação, à base do capital financeiro, de uma oligarquia financeira (Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, por exemplo);*
- 3°. *Grande importação da exportação de capitais (cf. tese de abertura da economia do governo FHC);*
- 4°. *Surgimento de associações monopolistas internacionais de capitalistas;*
- 5°. *E, finalmente, repartição da Terra em áreas extrativistas/estratégicas entre as grandes potências capitalistas (Lenin, 1985)*

Para Lenin, como é possível perceber nos traços fundamentais supracitados,

*o imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que tomou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu assinalada importância a exportação de capitais, começou o reparto do mundo pelos trusts internacionais e terminou o reparto de toda a Terra entre os países capitalistas mais importantes (Lenin, 1985, p. 406).*

E mais, sobre as bases postas pelo imperialismo há uma tendência inequívoca a uma transformação reacionária de todas as instituições políticas da burguesia, bem como da pequena burguesia e das Centrais Sindicais, dirigidas pela aristocracia operária serventes a burguesia. Que quer isto dizer?

Que, dadas as relações de classe e dada a imperiosa necessidade da burguesia em manter seus lucros em linha ascendente, os capitalistas no Brasil, com um déspota esclarecido a frente, encontram neo-formas para exercer uma fonte de opressão ampliada sobre a classe operária, trabalhadores assalariados, sem-terra, desproletarizados, biscateiros, sem-emprego e *homeless*.

Cabedizer que a ideologia neoliberal contém uma série de elementos heterogêneos que lhe dão uma falsa legitimidade. Devemos ter isto presente porque esta característica nos permite compreender e transmitir aos oprimidos do capital, para que e a quem serve essa ideologia.

A rigor, ela serve para unificar diversas correntes políticas e diversos partidos políticos em torno da burguesia a premir/explorar a força de trabalho. Pode-se dizer que essa ideologia é um instrumento criado/elaborado para manter essas alianças em torno da burguesia. Diríamos que nessas alianças, parte serve diariamente à burguesia, a outra - embora por vezes dizendo-se contrária às políticas neoliberais - serve como elemento de ligação ou de cooptação dos que ainda dissentem, discordam ou que ainda não concordam.

O entendimento dessa ideologia possibilita, ainda, compreender que há a

união de elementos aparentemente contraditórios: o predomínio do capital financeiro e um suposto programa de democracia. O primeiro é o sustentáculo do capitalismo moderno e o outro é um elemento muito avançado da demagogia política.

A rigor, é preciso considerar a ideologia neoliberal como uma cortina de fumaça a ocultar a exacerbação, neste final de século, das contradições sociais imanentes às sociedades capitalistas periféricas e dependentes instaladas neste Continente. Essa ocultação tem se dado via demagogia política.

Para os propósitos deste trabalho, a categoria *imperialismo* é aquela de maior teor histórico a propiciar uma análise acurada das mais recentes modificações mundiais empreendidas pelo capitalismo. Basta para isto observarmos que o desenvolvimento deste modo de produção culmina com as alterações discernidas por Lenin no início deste século: domínio da vida econômica pelos monopólios, criação do capital financeiro especulativo e da oligarquia financeiras, predomínio da exportação de capitais relativamente à exportação de mercadorias, partilha do mundo em áreas extrativistas entre as sete maiores e mais poderosas potências capitalistas, sob o comando dos *yankees*, isto é, dos USA.

No entanto, para Lenin, uma característica era marcante e definidora do período principiado no início do século: o imperialismo evidencia a etapa superior, monopolista e última do capitalismo. Sobre isto, ele diz:

*ao chegar a um determinado grau do seu desenvolvimento, a con-*

*centração por si mesma, por assim dizer, conduz diretamente ao monopólio, visto que, para umas quantas dezenas de empresas gigantescas, é muito fácil chegarem a acordo entre si (...) Esta transformação da concorrência em monopólio (cartel - gm) constitui um dos fenômenos mais importantes - para não dizer o mais importante - da economia capitalista dos últimos tempos (1985, p.327).*

Nessa etapa do desenvolvimento capitalista, os cartéis tornam-se um dos fundamentos de toda a vida econômica. O capitalismo transforma-se em imperialismo. Em outro momento, sobre o capitalismo, Lenin vaticina o seguinte:

*o desenvolvimento desigual e a subalimentação das massas são as condições e as premissas básicas inevitáveis, deste modo de produção. Enquanto o capitalismo for capitalismo, o excedente de capital não é consagrado à elevação do nível de vida das massas do país, pois significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas ao aumento desses lucros através da exportação de capitais para o estrangeiro, para os países atrasados (1985, p. 377).*

No momento histórico em decurso, observamos a ofensiva do imperialismo, face a correlação de forças propícias que apontava e aponta a necessidade do capitalismo aninhar-se no mundo inteiro para empreender seu desenvolvimento. Esta tese, de Marx, foi adormecida na consciência dos ideólogos do proletariado, porquanto eles subdimensionaram

as potencialidades de recomposição do capitalismo e superestimaram as potencialidades do socialismo em construção, organismo novo, recém-nato a caminhar na rota internacional adversa e de colisão a curto prazo com o capitalismo.

Ordem desordenada! Coalizão caótica afirmadora de uma guinada de 180º graus no estatuto político-ideológico e epistemológico da *intelligentsia* a ratificar a pior das previsões marcusianas: a possibilidade do capitalismo vir a constituir o *segundo período bárbaro* com uma enfática e desastrosa profecia bonapartista: *Après moi le déluge!* Que quer isto dizer?

Que diferentemente do liberalismo clássico, o neoliberalismo (1º) é uma corrente contraposta ao socialismo, portanto, parida de um útero deliquescente de clara orientação reacionária; (2º) ao paradigma da equidade dos seres humanos a justificativa da desigualdade social como inevitável e positiva, consequência natural da liberdade humana - resgata-se o *jusnaturalismo* inconsequente; (3º) ergue-se a tese do Estado mínimo à reconduzir o que antes fora de sua alçada para a economia de mercado (cf. Fernandes, 1995) e (4º), por fim, implica a intensificação da prostituição econômica, pela ação devastadora da dominação imperialista *yankee*, sobre os políticos, os intelectuais, os artistas, as lideranças sindicais deste Continente, com raras exceções.

Destarte, o imperialismo tem, para concluir o seu *desideratum*, uma estratégia comum, global, e procura decisões e orientações comuns e formas de coordenação e cooperação entre os países

mais ricos e poderosos (USA, União Européia e o Japão) para agravar a situação social e econômica dos países do chamado *Terceiro Mundo*.

A ideologia neoliberal está posta para entreter e intentar a ocultação de 1 bilhão e 300 milhões de indivíduos que vivem num estado de extrema pobreza, dos 30% dos 2 bilhões e 800 milhões de trabalhadores do mundo que foram expulsos da produção; dos 800 milhões de pobres na Ásia; das taxas de desemprego na Europa Ocidental, nos países da União Européia - UE - atingindo proporções incomparáveis: 24,5% na Espanha, 12% na França e nos EEUU o mesmo cenário acabrunhante.<sup>2</sup>

## Apatia e Convivência: palavra de ordem!

Quando Karl Marx escreveu *O Capital*, o livre mercado ou a livre concorrência era para os *fisiocratas* uma "lei natural". A ciência econômica oficial da época tentou aniquilar, mediante a conspiração do silêncio, a obra desse genial e imbatível pensador, o qual havia demonstrado, com uma acurada análise teórica e histórica do capitalismo, que o tal livre mercado ou a tal livre concorrência originava a concentração da produção e que dita produção, em certo grau do seu desenvolvimento, conduziria ao monopólio. Agora, a conspirata do silêncio já não pode ocultar o vaticínio de Marx, o monopólio é um fato.

Todavia, os ideólogos da direita e da esquerda clone da direita, erguendo uma outra conspirata, continuam declarando, em coro e em unísono, que o

marxismo foi refutado, derrotado pela própria história dos acontecimentos na ex-URSS e no Leste Europeu.

A rigor, não se pode refutar que Marx estava correto, posto que, olhando apenas de soslaio, é possível perceber que a livre concorrência, panacéia e falácia do livre mercado, converteu-se em monopólio, embora tenhamos que reconhecer o gigantesco progresso de socialização da produção. Vale dizer, *a produção passa a ser social, porém a apropriação continua sendo privada* (Lenin, 1985, p. 336). Mesmo porque, os meios e os instrumentos de produção continuam como propriedade privada de um reduzidíssimo número de capitalistas.

Pensando nos escritos de Lenin, refiro: de fato o jugo de uns poucos monopolistas sobre o restante da população se faz, hoje, cem vezes mais dura e mais insuportável (ibid.). E mais, o avanço do capitalismo em escala mundial ou do imperialismo protagoniza, pelos mecanismos ideológicos e repressivos dos monopólios, o estrangulamento de todos os que não se submetem, ao seu jugo, a sua arbitrariedade (ibid., p. 337).

Mas, o palatário oficial de tudo fazendo para ocultar a bancarrota do neoliberalismo, procura, neste exato momento, escamotear que

*a supressão da crise pelos monopólios é uma falácia dos economistas burgueses, os quais põem todo seu empenho em embelezar o capitalismo. Ao contrário, o monopólio criado em vários ramos da indústria aumenta e agrava o caos próprio de toda a produção capitalista em seu conjunto. Acen-*

*tuando mais ainda a desproporção entre o desenvolvimento da agricultura e da indústria, desproporção típica do capitalismo em geral* (Lenin, 1985, p. 339).

Moto contínuo, a crise aumenta, por sua vez, em proporções enormes a tendência à concentração e ao monopólio, entendido aqui como *a fase contemporânea do desenvolvimento do capitalismo* (ibid., p. 341). Mas, *se o capitalismo pudesse desenvolver a agricultura, que hoje se encontra atrasadíssima em comparação com a indústria; se pudesse elevar o nível de vida das massas da população, o qual segue sendo, apesar do vertiginoso progresso da técnica, de subalimentação e miséria, não haveria motivo para falar de um excedente de capital* (ibid., p. 376).

Todavia, se o contrário fosse o real, o capitalismo deixaria de ser capitalismo, pois, como refere Lenin, *o desenvolvimento desigual e o nível de subalimentação das massas são as condições e as premissas básicas inevitáveis deste modo de produção*. Em nossa análise, feita à luz de Lenin e produzida à crítica dos porta-vozes do imperialismo, travestidos com o discurso neoliberal e/ou *progressista* de diversos matizes, observamos o mercado internacional de capitais estar a representar-se, desde há muito tempo, como uma comédia digna de Aristófanes.

Nessa comédia, o Brasil, dentre outros, apresenta-se aberta e descaradamente diante dos banqueiros internacionais com extraordinária insistência a pedir/implorar a concessão de emprésti-

mos. Vale salientar que a contrapartida à cedência desses empréstimos é: a suspensão de barreiras alfandegárias, favores no tratado comercial em franco prejuízo ao mendicante, doação de empresas estatais superavitárias como a CVRD, Eletrobrás, Embratel e Petrobrás -, e uma encomenda generosa de instrumentos de destruição (armas de fogo, aviões, navios de guerra, etc.) normalmente sucateados pelo generoso credor.

Como exemplo antigo, citado por Lenin, *a construção das estradas de ferro brasileiras foi levada a cabo, em sua maior parte, em capitais financeiros, belgas, britânicos e alemães; os referidos países, ao efetuarem as operações financeiras relacionadas com a construção das vias férreas, reservam-se os pedidos de materiais de construção ferroviária* (1985, p. 381).

Por outro lado, liquidar direitos alcançados ao longo dos séculos XIX e XX, sufocar focos de resistência e de luta revolucionária, para fluir célere e celerado, corresponde às intenções perversas do capital industrial e do capital financeiro, isto é, do imperialismo. E às deformações científicas e filosóficas empreendidas pela maioria da *intelligentsia* latino-americana vão no sentido de corroborar tais intenções ou *atacá-las* pela metade (reformismo).

Neste sentido, nossa atuação no intestino da Academia tem sido intransigente ao denunciar a falaciosidade do discurso neoliberal ou da ideologia do ajuste estrutural, por considerá-la um estelionato dantesco (o famoso 171 do Código Penal) contra a maioria do *povo* brasileiro produzido pela economia política necessária à continuidade do estado letárgico e/ou vegetativo do Capital.

A propósito, Sader em sua análise sobre o neoliberalismo, coloca-o como um verdadeiro paradoxo, isto porque, apesar de ser um sucesso ideológico, é *em primeiro lugar, um fracasso econômico; quer dizer, o neoliberalismo não reativou nenhuma economia no mundo; no entanto, é um sucesso. (...) porque ele ajuda a fragmentar, a atomizar a sociedade. Ele dificulta a organização social* (1995, p. 31).

Configura-se essa apreensão à medida em a esquerda de outrora demudou em menestrel do reformismo de hoje, isto é, *incendiários de ontem, bombeiros de hoje*. Destarte, somos obrigados a dizer que os intelectuais da academia ou da *Universitas*, paradoxalmente negadora da *ideodiversidade*, picados pelo vírus *neoliberalis*, reforçam inscientes o neo-obscurantismo ou a unidade dogmática do pensar, naturalmente excluindo o sentir e a negação do contraditório. Gera-se a unanimidade burra. Unanimidade que oculta a pretensão de erguer o capitalismo como o *geist* da época e de sempre.

O neoliberalismo tem por objetivo, não amenizar a penúria do *exército de Brancaleone* ou minimizar as desigualdades sociais e de classe, mas fortalecer e consolidar o poder do capital ou o poder da burguesia como a única classe capaz de tanger o desenvolvimento econômico e social. E é sob esta ótica quimérica que a *intelligentsia* acadêmica, sem as exceções, tece ilações fútuas, ergue sua exegese (cf. Petras, 1995). A análise metódica, rigorosa, disciplinada do capitalismo moderno ou, simplesmente, do imperialismo, apesar de todas as maquiagens ideológicas, fiscais e tribu-

tárias, revela o incremento do desemprego, da miséria e da desesperança sem retorno sob a guarda da economia política clássica.

## Há Algo Fora de Ordem na Economia Política

Neste exato momento, sexto mês do ano de 1997, salta-me à lembrança um poema de Bertolt Brecht, *O Hoje e o Jamais*, impertinente ao marasmo no qual vivem as forças de esquerda deste país demudadas em clones da direita:

*A injustiça passeia pelas ruas, com passos seguros/ Os dominadores se estabelecem por dez mil anos/ Só a força os garante. Tudo ficará como está./ Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores/ Nos mercados a exploração se diz em voz alta: Agora acaba de começar!*

E entre os oprimidos muitos dizem: Não se realizará jamais o que queremos.

Portadora de amnésia histórica essa *intelligentsia* não consegue compreender o capitalismo em suas nuances as mais variadas. Posto, longe de buscar a resolução das contradições sociais (o flagelo dos povos que compõem originariamente e habitam o solo latino-americano e os problemas e seqüelas advindas do subdesenvolvimento imposto), aceita-se por panacéia a livre iniciativa ou o livre comércio acompanhado pela pilhagem hedionda e pela re-militarização do *imperium* (Petras, 1995).

Quando nos debruçamos sobre a História é incrível como percebemos a verossimilhança entre determinadas épocas e/ou determinados acontecimentos. Parafrazeando Jean Paul *Marat*<sup>3</sup> - o porta-voz da classe operária francesa durante a revolução de 1789 -, digo: o conjunto de operários e trabalhadores assalariados foi derrotado pelos conspiradores da burguesia, cheios de astúcia, artimanhas, maracutaias e habilidade no trato com a politiquice.

Educados e sutis os integrantes da classe dominante e seus lacaios diplomados, mormente os de *esquerda* que se opuseram aos déspotas não-esclarecidos, vale dizer, aos generais de plantão de então, hoje voltam-se como verdadeiros clones da direita contra o *povo*, para colocarem, sem tirar nem botar, na posição privilegiada da qual os ditadores militares foram afastados.

Sob o espectro neoliberal que ronda o Continente latino-americano, no Brasil, como escreve Frei Betto:

*Em 17 meses, o governo FHC manteve o arrocho salarial (compare-se o aumento da gasolina com o do salário mínimo), socorreu com bilhões de reais bancos falidos, reprimiu com tropas militares petroleiros em greve (ordenou a ocupação militar da Usina de Tucuruí - MC), evitou uma política eficaz de reforma agrária, deu o sinal verde para os garimpeiros e madeireiros invadirem as terras indígenas, manteve-se subserviente à Casa Branca ao insistir no patrocínio americano do projeto Sivam e fazer aprovar, a toque de*



*caixa, para brindar a recepção de um ministro dos EUA, a Lei de Patentes, agora, liberou o preço da gasolina para agradar usineiros interessados em ressuscitar o Proálcool.*<sup>4</sup>

Mas, se o neoliberalismo é o novo modelo, nova alvíssaras, porque, então, só no primeiro semestre de 1996, foi registrado um volume inédito de falências, concordatas e cheques sem fundo emitidos pelo país? Por que a dívida interna que nunca tinha galgado patamares tão altos está projetada para ir mais alto ainda até chegar ao ápice suportável pelos oprimidos de US\$ 200 bilhões, quatro vezes maior do que era no início desse governo?

Um capítulo à parte nesta história suja, refere ao comportamento da esquerda brasileira, difundindo-se dos anos 80 aos anos 90, no sentido de espararmar por todos os quadrantes *a idéia conformista de que a democracia só poderá ser garantida na América Latina pela redução, à expressão mínima, de reivindicações, esperanças e rebeldia das massas* (Cueva, 1989, p. 14).

Assumindo uma hipotética *terza via* ou a via *democrática* para o *socialismo*, contraponto ideológico claro à via leninista (*ainsurreição total* ou *revolução* - a destruição violenta do poder da burguesia e do seu aparato estatal), a esquerda (socialistas e pseudo-comunistas) acaba se convertendo em elegante *coveiro não só da idéia de revolução, mas também dos próprios partidos que renunciam a ela* (Cueva, 1989, p. 31). Abdicando dos seus princípios, abdicam de si próprios.

Felizmente, não tenho a menor dúvida, há intelectuais da e na América Latina a resistir bravamente ao furacão dos *tempos conservadores* e à retrogradação medíocre que assolam nosso Continente. Não renunciamos a visão prometéica do mundo, nem renegamos o melhor de nossa tradição jacobina (com guilhotina), libertária, anti-imperialista.

Mais do que sermos chamados de *civilizados à la Ocidente*, trabalhamos para conter a nova onda bárbara que tem, no Brasil, FHC como um dos seus gerentes. Todavia, nada garante que saíamos triunfantes. Mas, a angustiante incerteza e o saltar no escuro são inerentes históricos aos escritores, aos apaixonados e aos revolucionários. Posto nada justifica o abandono de antemão de princípios e de nós mesmos.

## Mas, e o Desporto?

O filósofo português Manuel Sérgio Vieira da Cunha já dizia, no 5º CONBRACE, o seguinte: *Quem só sabe de educação física, nada sabe de educação física!*. A questão foi posta, de modo verossímil, no 10º CONBRACE pelo filósofo Hilton Japiassú, tendo por alvo psicólogos e pedagogos dentre outros *especialistas*.

Coincidência ou não, é inquestionável o fato de que a maioria dos professores, por saberem apenas de educação física, pouco ou quase nada sabem da educação física. Por definição, a educação física propriamente dita, como bem lembrou o mestre Lauro de Oliveira Lima, em sua *Escola para o Futuro, é o ramo pobre da educação*, logo a pobre-

za dos *especialistas* é incomensurável e daí decorre o seu intrínseco conservadorismo.

Há mais ainda, perdem de vista as interconexões da educação física ou a sua indissociabilidade das diversas formas fenomênicas objetivas construídas por homens e mulheres concretas, produzindo coletivamente meios de sobrevivência materiais e *espirituais*. Para aquém da relação dialética inelutável, esses professores *especialistas* (mestres e doutores), por uma ignorância política atávica, não conseguem compreender que a dissociação da educação física, por exemplo, da economia política, os conduz a incorporação do papel, nada interessante, de *squadristi*<sup>5</sup> ou *Freikorps* (agentes da repressão tolerada) servis à classe dominante.

Com tal postura, negam que a única possibilidade de equacionamento da problemática da educação física, colocando-a verdadeiramente ao alcance de todos, será pela resolução dos problemas econômicos (materiais) que afligem a maioria absoluta da população brasileira. Problemas esses - recessão, baixos salários, desemprego, fome e miséria - que, por não serem resolvidos, produzem seqüelas profundas no psiquismo dos indivíduos levando-os a criação de distúrbios de ordem subjetiva ou fazendo-os submergir no subjetivismo pífio proposto por correntes filosóficas e pedagógicas reacionárias, ainda que se auto-proclamem *crítico-emancipatória, libertária, aberta, coletivizada* etc..

Distúrbios subjetivos que, a rigor, os aloca na mais profunda e perversa desesperança a ter por apoteose o crime organizado, o tráfico de coisas e pes-

soas, espancamentos brutais praticados por policiais perdidos no cipoal da economia política, infanticídios, seqüestro, torturas à morte, enfim, o entorpecimento diuturno pelas mais devastadoras drogas químicas e ideológicas (desporto, carnaval e religião).

Neste quadro nacional, preocupante e nada alentador a curto prazo, o discurso da globalização só pode ser sedutor para os maus intencionados - os míopes históricos, os oportunistas, os fisiológicos e, naturalmente, para os maus informados. Pessimismo absoluto, não! Apenas o olhar de quem, com uma certa acuidade, vê no capitalismo d'hoje a conduta pretérita delineada por Vladimir Ilitch Uliánov (Lenin).

De maneira que, salvo melhor juízo, embarcando no canto das napéias coleantes do capitalismo, os professores de educação física nada mais farão além de reproduzirem o doutrinário reacionário da classe dominante. Aqui há um agravante, continuarão como dantes, camelôs das multinacionais que vendem/recomendam o que não usam e desconhecem.

Por outro lado, é uma bobagem rotunda a pretensão de transformar o Brasil no país do olimpismo da nova era, como dizem os místicos, ou do novo século que, segundo todos os prognósticos sérios, será o século da nova onda bárbara. Logo o olimpismo serviria apenas, como serviu na Grécia clássica e na Roma antiga, como práticas distrativas para o ludíbrio e idiotização das populações excluídas. À escumalha o pão e o circo ou, apenas, ó circo.

Sob esta ótica, currículo e profissionalização (via licenciatura e

bacharelado) caminham de mãos entrelaçadas à justificação/afirmação do *circus* (o carnaval e os desportos) como o *ópio da miséria* ou o ópio maior da sociedade brasileira, mesmo porque, o *panes* (o pão) de há muito foi retirado da mesa da maior parte dos operários e trabalhadores deste país.

Como na Grécia e em Roma, a guarda pretoriana, encerrada nos quartéis, vela pela segurança do Governo, bem mais relevante do que a tranquilidade dos operários e trabalhadores assalariados. E a rua, ao longo de 25 séculos, pertence *por inteiro à escumalha, a cujo mérito, na apreciável e voluntária limitação das suas depredações, os historiadores terão de render, por inteiro, homenagem* (D' Arcos In Aurélio, 1986, p.692).

O olimpismo ou, por exemplo, o movimento Rio, talvez, 2008 ou talvez *nunca*, apresentado como o resgate da *humanização* da Cidade Maravilhosa, paradoxalmente foi elaborado, é conduzido e tem o aval dos mesmos que, ao longo de décadas, tem contribuído de formas diversas pela e para a *desumanização* da cidade do Rio de Janeiro. São as mesmas aves de rapina de sempre.

Destruíram a cidade, profanaram paços *sagrados*, petrificaram espaços, com britadeiras que britam e brocam perfuram consciências, quase devastaram a *alma* do povo carioca (aquele que foi cantado e decantado em verso e prosa), e agora, cabotinos e cavilosos, procuram por encontrar e arrebancar vozes esparsas e erráticas interessadas em compor um coro incosequente que deverá bradar em uníssono o *estelionato* slogan *Rio 2008*.

Ao longo de séculos e séculos, os dominantes e seus áulicos apropriaram-se/apropriam-se de facetas da cultura objetivando à resolução dos seus problemas financeiros, de situações pré-falimentares e à sua hegemonia. Para tanto, contam com a ingenuidade e com a boa fé de parte da população que ainda acredita na possibilidade da problemática deste país ser resolvida pela ordem capitalista, isto é, pela educação e/ou pela ação parlamentar. Crença que reafirma e ratifica nossa dependência *eterna* às oligarquias financeiras internacionais, e a venda-doação do subsolo pátrio e de empresas estatais como a Petrobrás e a Companhia Vale do Rio Doce - CVRD.

Neste sentido, clamar o apoio de toda a população brasileira à realização da primeira olimpíada do século entrante, no Rio de Janeiro é, a rigor, ignorar os graves problemas que afligem essa cidade que não serão resolvidos com um simples movimento olímpico. Seria uma ingenuidade a toda prova creditar ao *consilium fraudis* organizador dessa olimpíada a condição de solucionador, de rompante, dos problemas históricos que vêm acumulando-se perversa e perigosamente ao longo de décadas na cidade do Rio de Janeiro.

Não quero crer que *aintelligentsia* da educação física, os professores e professoras, investidos na função de formadores de opinião, possam concordar com esse *mega-evento* contrariamente a todas as evidências factuais e, fundamentalmente, pelo que ele representa para a classe dominante carioca e para os grupos empresariais internacionais: lucro, o resto não tem pressa!

## Olimpismo e Neoliberalismo: o *janus romano* moderno

Movimentam-se nas entranhas do imperialismo, descrito por Lenin no início deste século, três tipos de indivíduos: *os que não sonham, os que ainda acreditam no sonho - na arte de sonhar -, e os que não dormem com medo dos que sonham*. Este escriba engrossa as fileiras dos que ainda sonham, sonhos próximos da realidade. Mesmo porque, o sonho tem sido o móbil durante séculos da luta dos oprimidos pela construção de um mundo de *iguais*. Mas, por que é preciso sonhar?

*... Os sonhos não produzem nenhum dano... E se o homem estivesse completamente privado da capacidade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar-se e contemplar em imaginação o quadro inteiramente acabado da obra que se esboça entre suas mãos, eu não poderia, de maneira alguma, compreender que móbil levaria o homem a iniciar e levar a seu termo vastos empreendimentos nas artes, nas ciências e na vida prática. O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa (...) de uma maneira geral, trabalha escrupulosamente para a realização das suas fantasias.<sup>6</sup>*

O sonhar remete os sonhadores, durante a vigília, para a realidade que se agiganta temerária diante de nós e o olhar acurado sobre essa realidade faz com

que nos deparemos com certas verdades a vararem o tempo histórico e os espaços geográficos. Verdades que nos empurram escrupulosamente para a consecução da utopia perseguida e almejada ao longo dos anos.

Dentre tantas verdades, localizo incertezas e dúvidas a elevar-nos à condição de cépticos, não daqueles que crêem na incognoscibilidade do mundo, mas daqueles que colocam a dúvida antes da certeza. Logo, nesse campo específico do conhecimento, assalta-me a dúvida, outrora também pertinente aos intelectuais *progressistas*, quanto ao papel e a função social da educação física no crescimento/desenvolvimento de crianças e adolescentes: educação física para quem e contra quem?

Mas, o tempo passa e a *intelligentsia* da educação física continua a ignorar a inadequação do seu palatário/prática à relação da educação física com a realidade social dos indivíduos, isto é, quanto a sua situação/condição material. Quero dizer com isto ser demagógico, eleitoreiro e oportunista o discurso sobre políticas públicas para o desporto neste período da história brasileira, da mesma forma que o foi nos anos 70.

No *continuum* da crítica que esboço aos descaminhos aos quais foi conduzida a educação (física) pela sua *intelligentsia*, encontro, na vasta obra de Karl Marx *passagens soltas*<sup>7</sup> - n' *O Capital* - que evidenciam a necessidade de *adoção da ginástica como forma de compensar os prejuízos físicos (...) ou contra-arrestar os danos causados à saúde das crianças operárias pelo trabalho precoce e/ou prolongado na fábrica* (Nogueira, 1990, p. 169).

Não é de hoje a proposta de utilização da educação física como cataplasma ortopédico, calcado na biomecânica e na ergonomia, necessário não à prevenção, mas a correção postural ou das deformações posturais impostas pelas condições de trabalho (ibid.).

Se por um lado, a ginástica ou os exercícios militares - jogos para a guerra - (a educação física) podem ser usados como instrumental compensatório das deformações posturais, oriundas de um processo produtivo a ignorar a organização corporal dos indivíduos, mormente em crianças urbanas à medida que no meio rural tal pretensão apresenta-se inexequível, por outro lado, essa mesma ginástica, incidindo sobre um corpo famélico, necessitando crescer e desenvolver-se pode, por exemplo, produzir um desvio do fluxo energético determinante, em última instância, do fechamento precoce das áreas de crescimento primárias e secundárias dos ossos longos.

Como é senso-comum, pelo menos no seio das categorias de nutricionistas e de médicos afins da infância, uma criança entre 12 e 15 anos de idade necessita para crescer e desenvolver-se de uma ingesta calórica diária a oscilar entre 2800 e 3040 calorias. Aqui há um pequeno adendo: se esta criança se exercita por mais uma hora numa sessão desportiva de educação física com intensidade submáxima, a ela deveria ser dada uma suplementação dietética de mais ou menos 500 calorias (cf. Chaves, 1978).

Uma questão é posta: por que esta informação está ausente no trabalho de Nogueira (1990) e esquecida pela totali-

dade da *intelligentsia* e, obviamente, pela quase totalidade do professorado de educação física se, como reportam todos os tratados de fisiologia (geral e da atividade física), o fator que mais modifica o gasto energético total diário é a atividade física desenvolvida pelos indivíduos?

A ausência do rigor científico tem feito com que a questão nutricional receba pouca ou quase nenhuma atenção por parte dos intelectuais da educação física, principalmente no tocante a correlação múltipla entre atividade física, crescimento/desenvolvimento e ingesta calórico-protéico-mineral.

Como é por demais reconhecido, pelo menos no interior da Academia, as alterações mínimas do estado de saúde e nutrição tem repercussão certa no crescimento infantil. Sendo o retardo do crescimento, consubstanciado em diversos estudos empíricos, um importante fator de risco à mortalidade infantil.

Logo, a desconsideração para com o fator biológico, em nome da *desbiologização*<sup>8</sup> da educação física, conduz gradativamente a *intelligentsia* a perder de vista a tão propalada totalidade. Tanto é assim que, somadas a desnutrição ou à deficiência da ingesta protéico-calórico-mineral, as parasitoses intestinais (entero-parasitoses) e as doenças respiratórias, por exemplo, agravam o quadro de morbidade da população infantil brasileira, sendo responsáveis por 40,1% da sua mortalidade em estudo realizado por Monteiro (1995) sobre a saúde e nutrição de crianças do Estado de São Paulo.

A ingesta protéico-calórico-mineral adequada, pode-se dizer, é direta-

mente proporcional a participação percentual de cada indivíduo na Renda Nacional. Com um pouco de atenção dá para perceber que o fator nutricional, dentro dos padrões normais predicados pela FAO/OMS, fartamente divulgados pelos mais diversos mecanismos da mídia burguesa, continua desconsiderado enquanto fator do crescimento de crianças e adolescentes. Embora, Mondini e Monteiro arguam não haver *nenhuma evidência de que a adequação do consumo energético total das famílias se tenha deteriorado...* (Monteiro e Monteiro, 1995, p. 85), tal fator merece absoluta importância porque não foi equacionado e todos os indicadores sérios não-atrelados ao governo federal demonstram exatamente o contrário.

Por outro lado, apesar de um rosário de homilias, as políticas públicas neoliberais, além de não considerarem a nutrição como um *a priori* à atividade física sistematizada, ao longo de décadas elas, como as outras predicadas pelo Estado burguês de Vargas a FHC, não têm exercido o menor impacto positivo sobre o crescimento/desenvolvimento de crianças adolescentes imersos no fenômeno da fome neste país.

De maneira que, é inquestionável a relação condição econômica X ingestão protéico-calórica ou DPC (desnutrição protéico-calórica), sendo que a DPC é uma característica de crianças filhas de famílias com até um salário mínimo por renda mensal ou os filhos e filhas dos 50% mais pobres da população que participam com apenas 10,94% da Renda Nacional. Tomando-se a demografia neste país com o número 160 milhões e o PIB como 450 bilhões, temos para cada indi-

víduo, que compõem os 50% mais pobres, uma renda *per capita* de mais ou menos R\$ 619,00.

Não é possível, no entanto, minimizar, a quase zero, o impacto de uma nutrição precária em proteínas sobre o estado de *morbimortalidade* da população infantil brasileira, mesmo porque, existe uma relação óbvia *entre o desempenho econômico de uma sociedade e as chamadas doenças da pobreza, como as infecções e a nutrição* (Lunes, 1995, p.33).

Por outro lado, há que se considerar o papel nefasto que a prática sistemática da educação física e dos desportos exerce sobre o organismo juvenil imaturo, principalmente quanto ao crescimento e ao sistema auto-imune de crianças portadoras das *chamadas doenças da pobreza*. Mas, paradoxalmente, a educação física não produz nenhum efeito ao ser praticada nas escolas públicas, durante 100 minutos/semana (duas aulas de 50 minutos cada), quando crianças correndo sem sentido, *brincando* sem razão, o fazem no lapso de tempo nunca superior a 12 minutos.

## A Contradição Oculta

Sob o capitalismo há uma contradição intangível. A crise em que vive este país é um fenômeno inverossímil, como nunca visto antes. Não é, simplesmente, uma crise de penúria, como todas as crises pré-capitalistas; é uma crise de superprodução. Como sublinha Mandel, *não é por haver demasiadamente pouco o que comer, mas por serem relativamente demasiados os produtos alimentares que os desempregados bruscamente morrem de fome* (1978, p. 69).

Aparentemente paradoxal essa condição de fome na abundância, a rigor, é a manifestação nítida, sem controvérsias, da contradição fundamental do modo de produção capitalista. E mais, por não ter conseguido resolver esse paradoxo, o capitalismo declara sua auto-condenação à morte mais cedo ou mais tarde. Todavia, ele, apesar dessa auto-proclamação, clama pela necessidade da ajuda externa sem a qual continuará moribundo *ad aeternum*.

Neste sentido, é imprescindível uma grande incisão nas entranhas do monstro para liberar o rebento de uma nova era, era de socialismo. Cabendo ao movimento operário e aos sem-terra empunharem o *bisturi* da história que há de extirpar, de uma vez por todas, a desesperança que se agiganta neste Continente. Mãos à obra!

Contudo, a ausência da leitura sobre a produção teórica que busca resposta para o que é ou simplesmente a definição de fome, faz com que a *intelligentsia* da educação física, e os seus acólitos, não consigam compreender porque algumas pessoas afetadas pela fome se sentem famintas, outras não, porque se adaptam a uma ingestão alimentar mais baixa, reduzindo a atividade física. Em outros casos, é senso comum entre os nutricionistas e os interessados nessa área do conhecimento, a falta de nutrientes específicos causa uma fome que não é sentida pelo indivíduo (desnutrição ou fome oculta).

Vamos supor que uma criança com uma ingesta calórica de 2400 Cal/dia seja submetida a uma hora de atividade aeróbica/força/potência perdendo em

sua execução 1 litro de suor ou o equivalente a uma demanda via suor de mais ou menos 580 Cal. Como é sabido o suor contém amino-ácidos, ácido láctico, vitaminas, cloreto de sódio, cálcio, ferro, potássio e outras substâncias, logo é possível constatar a grande espoliação que o organismo sofre.

Essa criança precisa de uma ingesta calórica adequada às suas necessidades/dia compatível com os parâmetros de *normalidade* arbitrados pela FAO/OMS e a ela devem ser incorporadas as 580 calorias perdidas pelo suor, isto porque em não o fazendo poderá haver um comprometimento do metabolismo envolvido e indispensável ao seu crescimento/desenvolvimento (diferenciação).

Agravante, se ela ingerir apenas 50% da demanda total, utilizará a proteína muscular como fonte geradora de energia para a contração dos músculos estriados (Chaves, 1982), vale dizer, os protídios serão uma espécie de coadjuvantes, juntos com os glicídios e os lipídios, do processo de produção de transformação de energia química em energia mecânica e calorífica.

É possível perceber e deduzir sobre o papel espoliador que a educação física pode desenvolver sobre os organismos já espoliados pelas atividades da vida diária. Essa espoliação dar-se-ia devido ao desvio da proteína para produzir energia de manutenção indo de encontro a formação do sistema auto-imune e do crescimento. Na verdade, o retardo do crescimento e a diminuição da imunidade (aumento da susceptibilidade às infecções) são dois dos mecanismos de adaptação à carência protéica.

Para Zisman, por exemplo, o fator nutricional que está empurrando o homem do nordeste para o nanismo não será atenuando enquanto (...) a população sofrer de carência de calorias alimentares e possuir deficiência protéica (1987, p. 218).

Diante do silêncio incompreensível sobre a inadequação da educação física para as crianças famintas ou famélicas, partes irretorquíveis desse quadro de morbidade, considero imprescindível mais uma vez dedicar uma certa atenção para o diálogo hipotético, mas não menos verdadeiro, entre Frei Chico (FC) e Nelson Chaves (NC), transliterado abaixo:

*FC: Na tua visão, que papel cumpre a educação física para crianças e adolescentes?*

*NC: ... a cultura física racional estimula o crescimento, o alongamento dos ossos e o aumento da musculatura (hipertrofia) em consequência da maior síntese protéica;*

*FC: Mas, se a ingesta calórica for inadequada?*

*NC: Entendi o que queres questionar, neste sentido, "a prática de qualquer tipo de cultura física por crianças deve ser acompanhada do aumento da ingesta de nutrientes e da caloria;*

Obs.: Exames médicos (anamnese, clínico-laboratoriais, ortopédico e funcional) têm uma relevância ímpar na detecção de "mínimos" problemas que, em não tratados, poderão tornar-se obstáculos de difícil transposição à prática da educação física.

*FC: E as proteínas, deficientes em quantidade e qualidade na ingesta da maioria dos brasileiros?*

*NC: As proteínas são imprescindíveis para a formação do material contrátil do músculo e de substâncias energéticas para o trabalho e para o sistema auto-imune;*

*FC: Mas, e as crianças e jovens desnutridos podem e devem fazer exercícios físicos ou uma sessão de cultura física?*

*NC: Elas não devem fazer exercício físico intenso, e sim muito moderado, de acordo com sua suplência nutricional.*

*FC: O curioso é que na educação física a tua afirmação não tem sido considerada. Via de regra, o que temos visto é a prática da educação física e dos desportos ser predicada para todos os brasileiros e sem a menor discriminação e com total ausência de atenção à questão da nutrição e, obviamente, da suplência protéico-mineral. Tal postura é correta?*

*NC: Elementar meu caro Frei, a desconsideração para com o aporte protéico demonstra uma total falta de compreensão sobre a função das proteínas na fisiologia humana, especificamente no crescimento, sistema imunológico e na reparação dos tecidos. Por outro lado, a deficiência da ingesta protéica, pelo próprio mecanismo de adaptação biológica, induz o desvio das proteínas de certas partes do organismo para suprir as partes mais solicitadas, no caso dos músculos;*



*FC: Quer dizer que a baixa ingestão diária de proteínas traria conseqüências danosas para essas crianças?*

*NC: Lógico! A deficiência de qualquer uma das substâncias que participam dos processos de desenvolvimento e de crescimento produz atraso ou alterações morfofisiológicas (Chaves, 1978, p. 185).*

*FC: Obrigado, pelas dicas.*

Ora, se compararmos o preço da ingesta diária necessária com o nível do salário recebido pela grande maioria dos trabalhadores brasileiros, situação agravada pelo número de pessoas em cada família, facilmente e sem muito esforço intelectual percebe-se a inadequação da relação ingesta X salário.

Esta situação anômala pode reforçar a fala de Chaves, trabalhada por este escriba em 1989:

*(...) se a ingesta calórica for de 50% abaixo daquela considerada padrão, para cada faixa etária e para cada atividade laborativa e/ou atlética, a resíntese do ATP (adenosina trifosfato) e a produção de energia far-se-á também, em níveis maiores, a partir das proteínas (Carvalho, 1991, p. 65).*

A utilização inadequada/indesejável de proteínas ou a desproteinização instala uma série de distúrbios que vai da apatia mental (uma espécie de marasmo) a redução do desenvolvimento eficiente, repito, do sistema imunológico com todas as conseqüências descritas na literatura médica específica, por exemplo, a fisiopatologia.

É necessário compreender que os hormônios diretores do crescimento/ desenvolvimento e da diferenciação orgânica têm sua origem nas proteínas e no colesterol. De maneira que uma deficiência de proteína ou de colesterol repercute sobre a formação hormonal e, por conseguinte, sobre o desenvolvimento, o crescimento e a diferenciação. A rigor, a carência protéica, por exemplo, ou de nutrientes energéticos que reservam as proteínas para suas funções principais, produz atraso acentuado do crescimento (Chaves, 1978, p. 184).

Tomando por base os trabalhos de Boas, Gruelich e Young, Chaves refere estar suficientemente provado que *os fatores de ordem nutricional têm mais importância do que os genéticos no crescimento e desenvolvimento (ibid.)*. E mais, sobre o maior ou menor impacto da genética e da nutrição sobre o crescimento de crianças, Lima cita Dudgele quando afirma ao cotejar *as influências genéticas e nutricionais, as últimas são mais importantes na determinação dos padrões antropométricos (1986, p. 396)*.

O desconhecimento/descaso para com o fator nutricional na ambiência da educação física e dos desportos é de tal magnitude que os ritmos distintos (ritmos próprios) de crescimento dos sistemas orgânicos humanos, como por exemplo, o sistema nervoso central (SNC), são naturalmente ignorados. Logo, também terminam ignoradas as distintas necessidades de nutrientes de cada sistema, donde é possível concluir que *a desnutrição protéico-calórica (DPC) lesaria tal ou qual órgão em função da época em que se instalasse e do tempo em que perdurasse sem tratamento (Lima, ibid., p. 397)*.

Sadstead, segundo Lima, demonstrou haver uma menor estatura entre crianças pobres ou oriunda de meio sócio-econômico menos favorecido, quando comparadas com crianças ricas viventes em meio econômico e socialmente favorecido. Chung refere que *a DPC leva, gradualmente, a uma incapacidade do organismo em manter a sua composição corporal e o metabolismo dentro dos padrões normais. Este precário equilíbrio fisiológico transforma a criança portadora de DPC em um ser bastante suscetível a distúrbios de sua homeostase e frente a situação de stress* (1986, p. 405). Está por demais evidenciado que o crescimento e a manutenção das dimensões corporais exigem a presença de condições nutricionais ótimas, sobretudo quanto a ingestão e utilização biológica de calorias e proteínas.

Mesmo porque, segundo Lima, *a baixa estatura dificilmente encontra causa orgânica para sua explicação, podendo muitas vezes ser resultante não só da privação alimentar, mas também devido à falta de afeto materno* (1986, p. 396). Considero importante anotar que *a DPC, durante o período de mais rápido crescimento do cérebro animal, causa deficiência permanente do peso cerebral, no número de neurônios que o compõem, no tamanho de suas células, na quantidade de DNA, de colesterol e de mielina além de menor estatura e menor peso* (ibid., p. 397). Decorrem dessa condição anômala seqüelas que inferiorizam o desnutrido diante dos não-desnutridos quanto ao seu desenvolvimento intelectual.

A influência ou o impacto da DPC no crescimento/desenvolvimento de

crianças está por demais esclarecido, assim sendo, entendo como de bom alvitre encerrar considerando uma irresponsabilidade sem limites a predição da educação física e dos desportos, enfim, de atividades físicas para crianças sobre as quais nada sabemos, isto é, as quais não conhecemos razoavelmente bem por dentro (níveis de nutrição, situação dos mais diversos sistemas que podem ser atacados pelos diversos parasitas - bactérias, vírus e helmintos por exemplo, por vezes impostos por sua situação econômico-social) e nem porfora (seus interesses e idiosincrasias, afeições, gostos, prazer, etc.).

Aqui me parece que ainda paira no ar a questão posta na *A Miséria da Educação Física*, datada de 1989 e grafada em 1991: Que Fazer? Ou como superar a antinomia antropológica *homo sportivus x homo famintus* a caminhar a largos passos em direção a demenciação total e transmudando-se em *homo demens*?

Daí resultar não ter o menor cabimento predicar a educação física ou a ginástica como forma compensatória dos prejuízos físicos produzidos pelo processo produtivo, mesmo porque o patronato não anda nada preocupado com a saúde coletiva do trabalhador.

Neste sentido, não é verdade que a educação física ou a ginástica assegure proteção a ninguém da influência perniciosa das várias indústrias capitalistas. Não é racional atribuir a educação física uma força que ela realmente não possui, mesmo porque, enquanto a sede de ouro, a gula e avareza, garantir a uma pequena

minoria apoderar-se do homem e da mulher trabalhadora, dispondo da sua força de trabalho, desde a infância, constringendo seus corpos ao desalinho, corrompendo e prostituindo sua sexualidade, viciando o ar que eles respiram, apagando de suas mentes a crença na juventude e impondo-lhes a descrença no futuro, nada há a fazer com e por intermédio da educação física ou da ginástica.

A não ser que o professor paute-se ou escolha e siga um dos seguintes caminhos: ou trabalho a educação física para favorecer o contínuo da opressão pela integração dos trabalhadores (crianças e jovens) a mecânica da sociedade burguesa, ajustando-os para aceitarem sua condição de excluídos e com eles me alieno alienando-os, ou, então, procuro organizar com eles o levante dos trabalhadores para a superação definitiva da opressão e, com isto, me desalieno desalienando-os.

### **Tertium non Datur ou Terceiro Caminho não Existe!**

Então só resta o segundo caminho. Nele, para além do futebol e dos jogos manjados que não nos levam a lugar algum além de um infausto e alienador *pódium*, os exercícios militares (rapel, comando crown, falsa *baiana*, fuga e evasão, orientação e navegação noturna, armadilhagem - altamente inventiva e criativa -, golpe de mão, etc.) e as lutas (capoeira, judô, karatê, kendô dentre outras) devem ser elencadas ao conteú-

do irrisório e distrativo da atual educação física proposta à submissão/alienação de crianças e adolescentes.

Todavia, ao analisar os discursos dessa *intelligentsia* observo que suas dificuldades provêm do marco-teórico conceitual usado e fluente de uma concepção de mundo e de sociedade que exclui, naturalmente, o conceito de classe, estratificando a sociedade em grupos e categorias que se diferenciam, não pelo lugar que ocupam no processo de produção, mas pelo gênero, traços étnicos ou pelo credo que professam.

Sob esse prisma, toda historicidade está excluída e a compreensão da realidade se faz inexequível. Com isto a exploração-espoliação capitalista fica oculta e a questão da relação educação física X nutrição é uma questão individual e não coletiva ou não pertinente ao modo de produção dominante. Como refere Bosi, *a fome e a miséria (...) se muito, en passant, são vistas como fatos disfuncionais do modelo social vigente e não como condição fundamental à reprodução do mesmo* (1988, p. 32).

Por isto mesmo, continuo afirmando, cada vez com mais intransigência, que em seus discursos *científicos* e *filosóficos* (ditos epistêmicos) essa *intelligentsia* desconsidera, sem o menor constrangimento, o *modus operandi et operandi* da sociedade brasileira, vale dizer, como ela se organiza, funciona e opera.

Exatamente por isto não consegue explicar porque a maioria dos que compõem essa sociedade não podem acessar uma alimentação adequada (sem a qual a prática desportiva torna-se deletéria), e mais ainda, ignora em suas homilias

(1) o grau de desenvolvimento das forças produtivas, (2) o modo como se estabelece a apropriação dos meios e instrumentos de produção, a distribuição e o consumo do produto - material e *espiritual*-, (3) a contradição principal entre o trabalho e o capital, e (4) o reconhecimento não apenas da luta de classes, onde uma classe explora a outra mas, e fundamentalmente, de nações exploradas por outras.

Perdidos no canto enebriante das vestais do *Olimpo*, os intelectuais da educação física, com raras exceções, não conseguem ver a realidade nua e crua do imperialismo a exercera *exploração mais descarada e a opressão mais desumana de milhões de habitantes das imensas colônias e países dependentes* (Stalin, 1981, p. 18).

Refutando o marco-teórico conceitual marxista, o labor desses intelectuais apoia-se em discursos tautológicos *multifatoriais* a ocultar a *imediatez fenomênica* (fome e miséria X esporte), logo toda essa rede complexa de fatores da qual decorreria a fome e a miséria e, logicamente, o não acesso livre a cultura produzida e acumulada historicamente e, naturalmente, as práticas desportivas, podem ser corrigidas apenas com retoques na superestrutura sem se mexer na infra-estrutura ou na base econômica.

Por não serem socialmente determinadas ou imanentes ao modo de produção capitalista, os desvios segundo o discurso desses intelectuais, podem ser corrigidos pelo Estado, via políticas públicas bem elaboradas, ponderadas e voltadas, principalmente, para o resgate da cidadania na base da educação e da solidariedade.

Posto, o Estado burguês pretende, neste exato momento, com as tais políticas públicas, uma intervenção branca para (1) enevoar o real com práticas desportivas distrativas e (2) impedir que o operariado e seus aliados vejam com clareza o incremento da concentração de riqueza num menor número de mãos, *al pari* com a exacerbação da miséria num maior número de lares e a fome drasticamente exercendo-se sobre milhões de corpos.

Continuo afirmando: hoje, como dantes, o conjunto dos desportos (e naturalmente a educação física), via políticas públicas(?) neoliberais (logo não-públicas), continua como um dos velhos elementos usados pelos ditadores pretéritos/presentes à ocultação das causas, a mediatidade fenomênica, por exemplo, do Movimento dos Sem-Terra, do Comando Vermelho, dos *homeless*, etc.

E o que é pior, ao mesmo tempo que os áulicos *especialistas* predicam o esporte solidário e o esporte educacional, outros áulicos, os economistas burgueses, arroçam o salário e liberam geral os preços para a felicidade geral do patronato e dos mecenas internacionais.

Atolados nessa perspectiva burda e medíocre, os professores e a *intelligentsia* da educação física, salvo as raridades de sempre, esperam prosperar à medida em que reforçam e desviam, a todo custo, as atenções do processo econômico-político em curso neste país.

Enfim,

Aqui e algures falam de uma certa *profissionalização* como atendimento às necessidades da sociedade e a adequação dessa área do conhecimento à nova realidade brasileira e mundial. No

entanto, fragmentam o profissional da educação física não para compreendê-lo, mas, com certeza, para submetê-lo sem traumas à ordem burguesa.

Os teóricos da profissionalização olvidam que esses profissionais, como eles, saíram e continuam saindo da mesma *indústria* de diplomas e que representa a marca indelével do falhanço do nosso falido sistema educacional. Com isto predicam o jogo das respostas fáceis e das soluções espontâneas e imediatas.

O mais curioso é que a *intelligentsia* da profissionalização necessária intenta manter o agnosticismo como filosofia subjacente e diretora das práticas pedagógicas dos profissionais de educação física. Tal procedimento mais do que esclarecer, obscurece, enevoa aquilo que, com um pouco de calma e alguma leitura, seria aclarado, cognoscível.

A profissionalização não se dá em abstrato, ela é uma resposta concreta as demandas do *mercado* do consumo sumptuário. Todavia, não é possível aceitar-se a crítica ao mercado de trabalho da educação física desvinculada da crítica ao conspícuo mercado capitalista, mesmo porque, um mercado de trabalho específico está, rigorosamente, perpassado e submetido a lógica das relações de produção capitalistas.

Os discursos sobre a profissionalização na educação física, adrede feitos, desvinculados da *reordenação* do capitalismo, foram reduzidos a palavras ociosas vazias, nas quais o próprio autor não crê. Normalmente, esses dis-

ursos são produzidos por um vazio subterfúgio verbal ou ainda são construções verbais, vazio escolástico que serve para introduzir subrepticamente o fideísmo necessário a ignorância e ao agnosticismo.

Perguntamos: profissionalização, como sinonímia de qualidade e crítica radical ou adequação às regras do mercado privado capitalista?

É possível afirmar, a profissionalização perspectiva a iniciativa privada (bacharelado) e não a escola pública (licenciatura), de maneira que, sem sombra de dúvida, ela consubstancia-se na transformação constante de uma parte dos trabalhadores da educação (física) em desempregada ou subempregada. Essa produção contínua de uma população relativa de trabalhadores desempregados é uma necessidade da acumulação capitalista (cf. Marx, 1982).

Dir-se-ia, como Marx, que essa população desempregada representaria um *exército de reserva* da educação física sempre presente no movimento de oferta e procura de trabalho. Ele mantém o funcionamento desta lei dentro de limites condizentes com os propósitos de exploração e de domínio empresarial dos capitalistas e dos vassalos do capital.

E mais, essa população é *alavanca da acumulação capitalista, e mesmo condição de existência do modo de produção capitalista... reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se fosse criado e mantido por ele (o Capital)* (Marx, *ibid.*). Salvo melhor juízo, profissionalização, acu-

mulação financeira, exploração e espoliação intensiva da força de trabalho são facetas indissociáveis do mesmo fenômeno: o capitalismo. Para além disto, é falar barato.

Gostaria de encerrar mais essa arenga com uma singela contribuição de Vladímir Uliánov em *É melhor menos, mas melhor*, datada de 2 de Março de 1923, ele diz o seguinte:

*(...) devemos a todo custo colocarmos a tarefa de: primeiro, estudar, segundo, estudar e, terceiro, estudar, e depois controlar que entre nós o saber não fique reduzido a letra morta ou a uma farsa da moda (...) que o saber se transforme efetivamente em carne e sangue, se torne plena e verdadeiramente um elemento do modo de vida (Lenin, 1977c, p. 671).*

Sábias e imbatíveis palavras. Todavia, parafraseando Breilh, e sem a menor sombra de dúvida, digo: sob o capitalismo observamos o avanço e diversificação permanentes de condições fisiopatológicas, psicopatogênicas e, em seu conjunto, como a manifesta deterioração das relações sociais de produção. Nesta sociedade em que a patogenicidade é estrutural e se reforça e reproduz nas instâncias política e ideológica, aos professores de educação física não resta outro caminho senão o de assumir uma linha claramente de subversão (1990, p. 142).

Finalmente, reafirmo, a profissionalização pretendida pelos adeptos do capitalismo e, obviamente, do *livre mercado*, via desporto educacional à

submissão e desporto solidário à alienação, reforça a *transmutação* generalizada da juventude em *bestas esplêndidas*.

Até outra oportunidade ou até a próxima esquina.

## Notas

- <sup>1</sup> O moderno, a modernidade, representa para nós da América Latina não apenas deformação mas, a rigor, a negação da nossa própria identidade, nossa cultura e nossos valores. Isto porque, a modernidade ao iniciar-se, para este Continente, em 1492, com o fatídico descobrimento da América do Norte, de forma inquestionável é, objetivamente, o en-cobrimento do outro, a negação total dos indígenas (maia, incas, astecas, guaranis, tupis, arapahos, crowns, moicanos, iroquezes, sioux, apaches, mesqueros, navajos, paiutes, comanches, krenakros, ianomamis, pataxós, canelas dentre outras tribos) que aqui viviam.
- <sup>2</sup> Dados retirados do documento final da Conferência Operária Independente na Eslováquia, 1995.
- <sup>3</sup> *Marat*, Jean Paul (1743 - 1793). Médico/revolucionário e líder popular da Revolução Francesa de 1789. Assassinado por uma girondina em 1793.
- <sup>4</sup> *FHC e seus intelectuais*. Folha de São Paulo, 08 de Maio de 1996
- <sup>5</sup> As *squadre* foram a primeira tropa de choque do fascismo de Benito Mussolini.

- <sup>6</sup> Lenin cita parte do artigo “Erros de Um Pensamento Imaturo” de Dmitri Ivánovitch Pissárev, democrata revolucionário, publicista, crítico literário e filósofo materialista, nascido em 1840 e morto prematuramente aos 28 anos (1977a, p. 200).
- <sup>7</sup> Soltas, eu diria, porque Marx não dedicou sua atenção, como o fazemos, ao estudo e análise da educação física e dos desportos - seu papel e importância para a classe operária e trabalhadores assalariados, o que temos em sua vasta obra são passagens, poucas por sinal, reportando-se a importância da educação física (exercícios militares ou ginástica) na educação do homem *omnilateral*.
- <sup>8</sup> O discurso contra a “desbiologização” da educação física está prenhe de uma estupidez incomensurável à medida que pretende creditar às ciências biológicas a culpa da fragmentação hegemônica nesta singular área do conhecimento. A rigor, apesar de serem ciências do particular não pretendem isolar-se da totalidade - o *bio* e a *physis* (a natureza) -, a culpa cabe aos intelectuais pelo mau uso da biologia. Mesmo porque, em sendo inicialmente biologia, não tem o menor sentido uma análise pretensamente acurada dos homens e suas relações sem considerar sua base biológica. Em nome da “desbiologização” oculta-se a ignorância sobre a biologia, enquanto ciência socialmente construída, a inadequação da prática da educação física para os famintos (desnutridos) e a ausência de compromisso político com a adequação da educação física

pela transformação da sociedade. A “desbiologização”, a meu juízo, é mais uma das falas tautológicas tão propaladas na ambiência acadêmica.

## Bibliografia

- BOSI, M. L. M. *A Face Oculta da Nutrição*. Rio de Janeiro : Espaço Tempo/UF RJ, 1988.
- BREILH, J. *A Reprodução Social e a Investigação em Saúde Coletiva. Construção do Pensamento e Debate*. In: COSTA, D. T. (Org.) *Epidemiologia - Teoria e Objeto*. São Paulo : Hucitec - Abrasco, 1990.
- CARVALHO, M. *A Miséria da Educação Física*. Campinas : Papyrus, 1991.
- CHAVES, N. *Fome, Criança e Vida*. Recife : Massagana, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Nutrição - básica e aplicada*. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1978.
- CHUNG, S. C. *Tratamento Hospitalar do Desnutrido*. In: NÓBREGA, F. J. *Desnutrição intra-uterina e pós-natal*. São Paulo : PANAMED, 1986.
- CUEVA, A. *Tempos Conservadores*. São Paulo : Hucitec, 1989.
- D'ARCOS, J. P. *Carnaval e Outros Contos*. In: Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- FERNANDES, L. *Fundamentos da Ofensiva Neoliberal*. São Paulo : Anita Garibaldi, 1995.
- IUNES, R. F. *Mudanças no Cenário Econômico*. In: MONTEIRO, C.A. (Org.) *Velhos e Novos Males da Saúde no Brasil*. São Paulo : Hucitec-Nupens/USP, 1995.

- LENIN, V. I. (Uliánov) *Obras Escolhidas*, t.3. Moscou : Progresso, 1977c.
- LENIN, V. I. *Obras Escolhidas*, t.1. Moscou : Progresso, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. O.C.*, t.27. Moscou : Progresso, 1985 (ed. em espanhol).
- LIMA, A. J. *Crescimento e Desenvolvimento da Criança desnutrida*. In: NÓBREGA, F. J. *Desnutrição intra-uterina e pós-natal*. São Paulo : PANAMED, 1986.
- MANDEL, E. *Iniciação à teoria Econômica Marxista*. Lisboa : Antídoto, 1978.
- MARX, K. *O Capital*, livro 1, tomo 2. São Paulo : Difel, 1982.
- MONTEIRO, L., MONTEIRO, C. A. *Mudanças no Padrão de Alimentação*. In: MONTEIRO, C. A. *Velhos e Novos Males da Saúde no Brasil*. São Paulo : Hucitec-Nupens/USP, 1995.
- NOGUEIRA, M. A. *Educação, saber, Produção em Marx e Engels*. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1990.
- PETRAS, J. *Ensaio Contra a Ordem*. São Paulo : Página Aberta, 1995.
- SADER, E. *Neoliberalismo e as Políticas de FHC para o Setor Público*. Caderno 4 da ADUFF-SSind., 1995.
- STALIN, J. *Fundamentos del Leninismo*. In: *Obras Escogidas*. Tirana, 8 Nentori, 1981.
- ZISMAN, M. *Nordeste Pigmeu - uma geração ameaçada*. Recife: CEDIP, 1987.